

AS IGREJAS DE PORTO NOVO: SIMBOLOGIA DA ARQUITETURA ENXAIMEL E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO TEUTO-BRASILEIRO

THE CHURCHES OF PORTO NOOVO: SYMBOLOGY OF ENXAIMEL ARCHITECTURE AND THE VALUATION OF THE TEUTO-BRAZILIAN HERITAGE

Douglas Orestes Franzen¹

Barbara Reichert²

Carine Kaufmann³

Jaine Ott⁴

Resumo

O texto busca refletir sobre a dimensão simbólica das igrejas em madeira e sua relevância patrimonial no contexto da colonização Porto Novo, atuais municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis. A proposta busca percorrer sobre a relevância da arquitetura enxaimel como símbolo de identidade histórica e cultural, apresentando um breve inventário das edificações ainda existentes na paisagem local.

Palavras-chave: Itapiranga, enxaimel, patrimônio arquitetônico.

Abstract

The text seeks to reflect on the symbolic dimension of wooden churches and their heritage relevance in the context of Porto Novo colonization, current municipalities of Itapiranga, São João do Oeste and Tunápolis. The proposal seeks to discuss the relevance of half-timbered architecture as a symbol of historical and cultural identity, presenting a brief inventory of the buildings that still exist in the local landscape.

Key-words: Itapiranga, half-timbered architectural heritage

Introdução

As igrejas em madeira são símbolo de uma época para a colonização Porto Novo, atual Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis no extremo oeste de Santa Catarina. Como referência da paisagem, sintetizam a religiosidade tão característica da colonização étnica e confessional que se desenvolveu a partir de 1926 sob a égide da etnicidade germânica e da religiosidade católica. Como representação arquitetônica sintetizam a singularidade da arquitetura enxaimel, aspecto que as tornam muito significativas no contexto da valorização dos elementos históricos e patrimoniais.

As igrejas em madeira construídas a partir da arquitetura enxaimel são muito expressivas e possuem um valor arquitetônico singular. Por isso, entende-se de que devam

¹ Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo. Docente do Centro Universitário FAI.

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela IMED de Passo Fundo. Docente do Centro Universitário Fai.

³ Mestre em Educação pela Universidade Comunitária de Chapecó – UNOCHAPECO. Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uceff.

⁴ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uceff.

receber uma atenção especial no que tange ao resgate das técnicas construtivas e da vinculação patrimonial a elas atribuída.

A proposta do estudo é de compreender o processo de colonização a partir de suas especificidades étnicas vinculando essa dimensão com a formação da paisagem dos núcleos coloniais, onde a igreja ocupou e ainda ocupa um papel de destaque como ponto focal.

A hipótese que se defende é de que o enxaimel é uma técnica construtiva que possui vínculo com a história e com as tradições culturais, por isso denota um valor patrimonial, bem como, entende-se de que essa técnica vernacular não está inerte a sua temporalidade histórica, e sim, apresenta a possibilidade de uma adequação às novas possibilidades contemporâneas da arquitetura.

A colonização Porto Novo: uma identidade histórica

O projeto de colonização Porto Novo foi idealizado pela Sociedade União Popular, denominada em alemão de *Volkverein*, instituição que coordenou a implantação de outras colônias alemãs no Rio Grande do Sul, com o objetivo de implantar no extremo oeste de Santa Catarina uma nova fronteira agrícola e social. O empreendimento foi financiado pela Cooperativa de Crédito *Sparkasse*, e fundado oficialmente no ano de 1926. Já no ano de 1928, a colonização recebeu o nome de Itapiranga, atual nome do município, gerando mais tarde a emancipação dos municípios de Tunápolis e São João do Oeste.

A *Volkverein für die deutschen Katholiken von Rio Grande do Sul* não era necessariamente uma empresa de colonização. Era, na verdade, uma entidade associativa fundada para dar assistência à população de descendência alemã e católica no Sul do Brasil. Essa associação chegou a ter no período da Primeira Guerra Mundial cerca de oito mil associados.⁵

A característica do empreendimento Porto Novo era de aceitar somente migrantes que fossem de origem germânica e católica. Nesse sentido, famílias originárias das colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compraram terras nessa colônia em busca de novas fronteiras agrícolas, onde as terras já estavam subdivididas e esgotadas. Da mesma forma, adquiriram terras em Porto Novo, imigrantes que fugiam das duras condições de vida

⁵ A Sociedade União Popular – *Volkverein* – criada no ano de 1912 em Venâncio Aires, teve como objetivo principal dar suporte cultural, educacional, religioso e assistencial aos colonos alemães do Sul do Brasil, frente a vulnerabilidade social e política em que se encontravam no período. Seus líderes mais destacados foram o Pe Theodor Amstad e Pe João Rick. Caracterizou-se como uma entidade notadamente étnica e confessional.

em vilarejos europeus, expulsos pelas atrocidades da guerra, pela perseguição étnica-política, ou pelas péssimas condições de vida e de trabalho lá existentes (WERLE, 2011).

O processo de fundação da colônia Porto Novo promoveu a transferência de um local para outro de uma bagagem cultural alicerçada em sujeitos através de uma estrutura socioeconômica e cultural que esses sujeitos trataram de transportar de seu local de origem através das instituições, organizações e no seu estilo de vida. O processo de migração/imigração é bastante complexo, envolve subjetividades e construção de vínculos trans-territoriais, onde a cultura, os padrões de vida, as redes simbólicas de sociabilidade se ressignificam pela transposição territorial, quando o ato de deixar uma região para se estabelecer em outra simboliza uma perda, mas também um ganho, uma nova vida, um novo desafio de construir um destino num novo espaço, muitas vezes inóspito e distante. Essa bagagem cultural e social dos migrantes adaptou-se ao meio, às limitações do isolamento percebido no período no extremo oeste catarinense, fazendo com que os sujeitos construíssem uma nova identidade, com fortes traços herdados das colônias de origem, mas com uma nova dinâmica estrutural.

De maneira geral podemos sintetizar a origem dos colonizadores de Porto Novo sob duas perspectivas. A primeira das famílias imigrantes originárias da Alemanha e de colônias alemãs europeias como da região da Bessarábia, os *Deutschrumänen*, e do vale do Rio Danúbio na Iugoslávia, os *Donauschwaben* (JUNGBLUT, 2000). Essas famílias deixaram a Europa motivadas por questões econômicas, políticas e territoriais do cenário conturbado das décadas de 1920 e 1930, sendo significativo o número de imigrantes que se estabeleceram em Porto Novo, principalmente por intermédio de agenciadores e de influência dos padres jesuítas e da *Volksverein* nesses processos imigratórios. A segunda, composta de famílias descendentes da primeira geração de imigrantes alemães do século XIX que se estabeleceram nas colônias velhas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Essas famílias já estavam adaptadas ao território e ao clima brasileiro e deixaram suas regiões de origem motivadas principalmente pela questão fundiária e a degradação das relações produtivas, pela escassez de terras e limitações produtivas (ROCHE, 1969). Muitas famílias compraram terras em Porto Novo motivados pela propaganda de prosperidade, fartura territorial, de solo e de riqueza natural, além do atrativo étnico e cultural do catolicismo e da germanidade (MAYER; SCHNEIDER, 2020).

Na concepção de Woortmann (1994) a migração de uma colônia velha para uma colônia nova seria um processo de dispersão que minimizaria a pressão demográfica nas primeiras, “fazendo com que o mesmo processo que produz a colônia nova reproduza a colônia velha” (WOORTMANN, 1994, p. 182). Ou seja, nesse processo migratório se reconfiguram conhecimentos e vivências simbólicas que estruturam padrões de vida e de compreensões espaço-temporais.

A colonização Porto Novo foi organizada da forma que fossem vendidos lotes rurais, de aproximadamente 25 hectares. Para a ocupação do território foram planejados centros comunitários, onde se zelava pela construção de uma capela e de uma escola e em alguns casos também foram abertas casas comerciais para abastecer as famílias com suprimentos. A partir desses núcleos comunitários que se irradiavam as linhas coloniais, onde se assentavam as propriedades agrícolas e as famílias, elemento que se repetiu em grande parte das colonizações alemãs no Sul do Brasil. Da mesma forma foram idealizados núcleos urbanos, que se formataram mais tarde nas sedes dos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis.

Nesse contexto, interessa também a dimensão do patrimônio imaterial do colonizador, ou seja, seu conhecimento sobre edificações e ocupação do território. A migração para Porto Novo exigiu uma adequação das famílias às limitações e potencialidades do território, tanto na abertura das zonas de colonização e derrubada da mata, bem como na assimilação de um novo padrão de vida diante da realidade e dos recursos disponíveis. Isso formatou uma simbiose entre a personalidade do colonizador e a natureza local, formatando uma relação de complementaridade. Há de se destacar que para as famílias colonizadoras foram muito importantes os conhecimentos dos caboclos e posseiros que viviam na região, conhecedores dos recursos naturais locais.

Igrejas em madeira e a arquitetura enxaimel

Como atividade econômica inicial e obviamente como uma necessidade de ocupação do espaço, a atividade madeireira pode ser considerado uma das primeiras atividades econômicas da colonização. A sua exploração moveu um dos primeiros ciclos econômicos locais fornecendo matéria prima para as edificações e para a comercialização. Esse ciclo econômico movimentou um capital financeiro considerável e colaborou enormemente na

estruturação da economia. Além do potencial econômico, a exploração da madeira serviu de suporte para a constituição de um padrão arquitetônico, principalmente residencial e de estruturação da propriedade como o paiol, o galpão e o estábulo.

A exuberância das matas e a diversidade de espécies de árvores favoreceram a atividade madeireira. Na região existiam árvores de grande porte como cedro, louro, canela, grápia, além de outras árvores de menor porte como angico, guatambu, ipê. Algumas das eram mais propícias para serem utilizadas na construção e outras tinham um valor comercial mais relevante.

Como atividade econômica, a extração da madeira foi uma das primeiras fontes de renda de colonizadores, de madeireiras e serrarias. A prática das balsas foi um símbolo da ocupação territorial e da ação do homem sobre o espaço. Com o avanço da colonização as árvores de maior porte e de maior valor econômico foram sendo gradativamente exploradas. A derrubada da mata atendia à necessidade de comercialização e também à necessidade de ocupação territorial para a atividade agrícola.

Além disso, a madeira foi o primeiro material construtivo utilizado pelos colonizadores para edificar suas residências e toda a estrutura da propriedade agrícola, como paiol, chiqueiro, estábulo. Além da estruturação da propriedade, as edificações comunitárias como o salão, escolas e igrejas eram feitas em madeira. À medida que as comunidades se desenvolveram, principalmente a partir da década de 1950, algumas optaram por construir edificações em alvenaria. Grande parte das comunidades construiu sua primeira igreja em madeira, sendo que algumas ainda preservam a edificação e outras optaram por demoli-la com o passar do tempo.

Assim se desenvolve a produção de edifícios em madeira, a partir de um processo de adaptação às condições locais, primeiramente pela necessidade da moradia e depois pela necessidade da estruturação da propriedade, com soluções simples e objetivas, em alguns casos submetidos a regras construtivas como o enxaimel, por exemplo.

Nas primeiras décadas, até aproximadamente a década de 1960, as igrejas também serviam de escola. A sua construção era feita em sistema de mutirão, tendo na maioria dos casos a coordenação de um mestre carpinteiro que dominava a técnica de construção em madeira. A madeira era adquirida através da doação das famílias ou comprada com recursos provindos de coletas e festas comunitárias.

O programa das capelas era muito simples com nave, altar e sacristia. Em alguns exemplares podem ser encontradas naves laterais e salas anexas. O porte das igrejas variava bastante, dependendo da comunidade e da disponibilidade de recursos financeiros para a construção. Nas igrejas de maior proporção há grande influência dos elementos da arquitetura românica, enquanto que nas menores, o programa é mais simples.

O partido arquitetônico é idêntico na maioria das edificações com uma simplicidade no programa em grande parte das igrejas. A cobertura na maioria das edificações tinha duas águas com forte inclinação. Para a cobertura do telhado inicialmente foi utilizada a telha de madeira (*Schindeln*) talhada a mão. Posteriormente começaram a ser utilizadas telhas de barro e mais tarde a cobertura com aluzinco. No interior está disposto um altar, em alguns exemplares há um coro. Os campanários podem fazer parte do conjunto da edificação ou dispostos separadamente no adro.

Antiga igreja em madeira da Linha Sede Capela, ano de 1939.



Fonte: Arquivo da comunidade.

Igreja de Linha Santa Cruz, década de 1940.

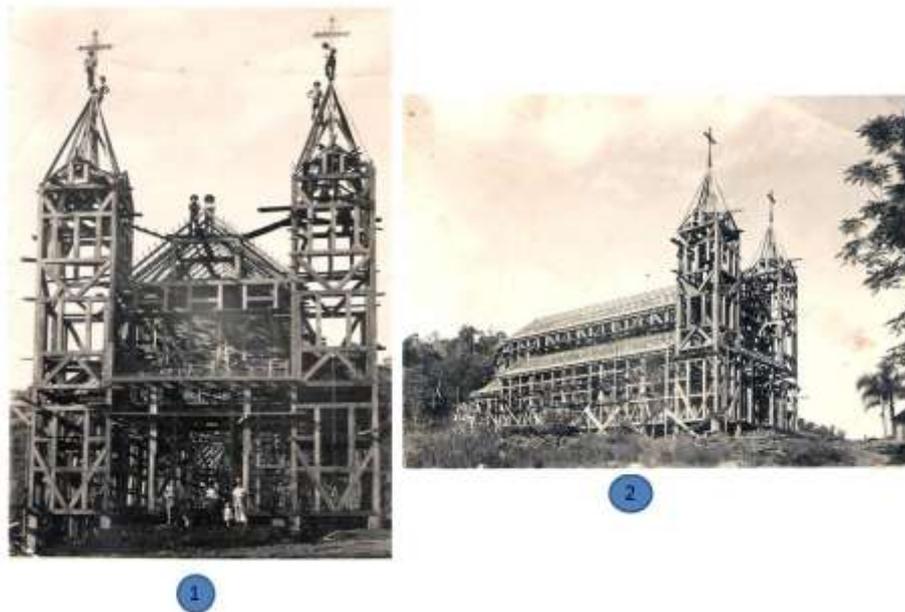


Fonte: Arquivo da comunidade.

Em grande parte delas pode ser percebida a estrutura enxaimel, ou *Fachwerk*, que designa um padrão construtivo centenário, caracterizando-se como um valor cultural trazido pelos imigrantes. É um padrão construtivo que designa saberes e conhecimentos dos colonizadores, uma manifestação construtiva com significativa relevância patrimonial. Na maioria das igrejas enxaimel o programa caracterizante não está aparente, pois a vedação das paredes deixa a estrutura oculta.

A Igreja São Rafael, de Linha Ipê-Popi, por exemplo, foi construída entre os anos de 1950 e 1952 em arquitetura enxaimel. Na imagem observamos a estrutura enxaimel num flagrante de sua construção em 1952, com uma perspectiva frontal (1) e lateral (2). Podemos visualizar os esteios na nave central em peça única de aproximadamente 11 metros de altura. De forma longitudinal observam-se os baldrames encaixados com os esteios e escoras. Nas duas torres também observamos os encaixes estruturais caracterizantes do enxaimel.

Igreja São Rafael, Linha Ipê-Popi, detalhes da estrutura enxaimel.



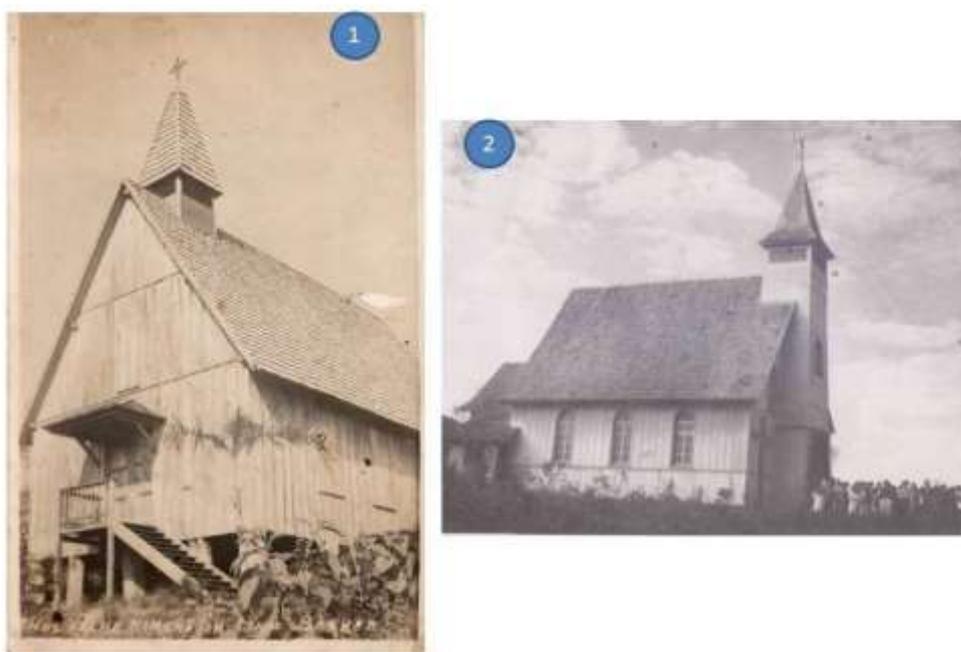
Fonte: Arquivo da Comunidade São Rafael. Adaptado pelos autores. 2022.

Na construção da igreja de Linha Presidente Becker, edificada em 1937, podemos perceber a estrutura do enxaimel bastante evidente. A Linha Presidente Becker teve seu desenvolvimento histórico vinculado ao processo de colonização de Porto Novo. No entanto,

uma peculiaridade pode ser destacada para essa localidade: a singularidade étnica germânica pela excepcionalidade de que nessa região se instalaram famílias imigrantes da Alemanha. Schneider (2019) destaca de que essa localidade foi destinada para receber imigrantes da Alemanha no contexto da década de 1930, o que acabou formando um quisto étnico relativamente homogêneo. Esses imigrantes trouxeram consigo padrões de cultura, conhecimentos e formas de vida que se adaptaram à nova realidade diante do contexto natural e climático.

Em Linha Presidente Becker foram construídas duas igrejas em enxaimel. A primeira (1), construída em 1937 acabou sendo destruída por uma tempestade. Após esse episódio a comunidade construiu uma nova igreja em madeira (2), com as mesmas dimensões da primeira, mas com uma estrutura mais reforçada. Na primeira igreja construída a torre sineira fazia parte do volume da nave principal, enquanto que na segunda construção a torre foi anexada à nave central criando uma nova saliência na fachada frontal.

Antigas capelas em madeira da Linha Presidente Becker.



Fonte: Arquivo da comunidade, adaptado pelos autores, 2022.

O estilo enxaimel, ou *Fachwerk*, é um padrão arquitetônico atribuído historicamente às regiões germânicas da Europa central, mas não se limita a essa região. Segundo Weimer (2005) o *Fachwerkbau* designa um padrão construtivo centenário em que as paredes são

estruturadas por um tramado de madeira. As peças horizontais, verticais e inclinadas são encaixadas entre si, em que os tramos são posteriormente preenchidos com taipa, adobe, pedra, tijolos, ou outro material que torne possível a vedação das paredes. O enxaimel europeu passou por processos de readaptação e reconfiguração ao longo dos tempos, reflexo da disponibilidade de recursos e das limitações na exploração da madeira para a construção civil. Paulatinamente foram agregados elementos estruturantes, como blocos de pedra e no século XIX a alvenaria.

Assim, a priori concordamos com Weimer (2005) e Wittmann (2019) de que o enxaimel é uma técnica construtiva, onde a plástica caracterizante de tal padrão arquitetônico se torna uma consequência de tal postulado. Ou seja, é preciso criar uma consciência de que o enxaimel é muito mais do que meramente aquela imagem romântica que se constitui de uma edificação formada por um tramado de madeira com paredes compostas de tijolos à vista. O enxaimel, sendo essencialmente uma técnica de construção, parte do princípio da estrutura onde a plástica é uma composição final do processo, não a sua essência.

Conforme Wittmann (2019, p. 120),

Observando a linha histórica da civilização e constatando como todos os períodos desta, desde o momento em que o homem se fixou como agricultor e pastor no território da atual Alemanha, como também o fez, em outros locais do planeta, em diferentes contextos (períodos históricos, práticas e locais) a técnica construtiva enxaimel, no momento atual é o resultado de uma evolução tecnológica e de materiais da casa de madeira primitiva[...] Paulatinamente foi adaptada tanto às diferentes regiões do continente, em diferentes tempos, de acordo com a disponibilidade e tipos de materiais disponíveis, quanto às práticas dos homens que construíam estas casas.

Ao longo dos tempos essas construções foram recebendo novas adequações e elementos conforme a disponibilidade de materiais ou as necessidades climáticas e naturais, bem como a sua diversificação de usos, gostos e práticas sociais e culturais, mas sem perder a sua essência: a estrutura em madeira, independente das paredes e dos fechamentos (Witmann, 2019). O senso comum atribui o enxaimel como uma prática arquitetônica característica somente das regiões germânicas, como Alemanha, Áustria e Suíça, mas, no entanto, essa concepção construtiva se disseminou pelo mundo e por variadas culturas

sendo um princípio construtivo. Mas é admitir de que o enxaimel ganha notoriedade pela sua ligação com as culturas germânicas do centro da Europa e das colônias fundadas pelos imigrantes que dali partiu para os outros continentes. Diversos elementos estruturantes compõe a arquitetura enxaimel como os baldrames, os frechais e as tesouras como componentes do telhado, a composição dos esteios e os barrotes para escoras da estrutura.

Para o momento considera-se o fato de que esse partido construtivo veio para o Brasil junto com os imigrantes e se manifestou em diversas regiões de colonização germânica. No entanto, é preciso ter ciência de que houve a necessidade da adaptação do sistema construtivo às limitações impostas pelo meio, pela disponibilidade de matéria prima e pelas exigências climáticas. Apesar da ocorrência do frio na Região Sul do Brasil, as altas temperaturas que também ali ocorrem exigiram novos processos arquitetônicos, como a varanda e o alpendre por exemplo.

Outro fator que é preciso considerar é a relevância patrimonial do enxaimel como símbolo cultural e de relevância paisagística. Primeiro porque se trata de um conhecimento milenar de edificar, sendo um trabalho que vincula práticas de saber fazer, de conhecimento e de técnica de trabalho constituindo um patrimônio de relevância material e imaterial. Segundo porque caracteriza o processo de formação da paisagem, porque o enxaimel se conecta com o ambiente natural. A casa do colono alemão, por exemplo, se conecta na cultura do *Hof*, termo que não pode ser traduzido literalmente, mas que designa o conjunto de funções que identificam o espaço da propriedade agrícola, compondo-se da residência, das benfeitorias, da horta, do pomar e do pátio (WEIMER, 2005).

As igrejas como ponto focal da paisagem

A arquitetura em madeira representou um padrão construtivo muito comum em Porto Novo. Em primeiro lugar pela exuberância da matéria prima e em segundo por se tratar de uma manifestação muito comum pelo baixo custo construtivo em relação às edificações de alvenaria além de sintetizar um conhecimento de valor cultural. Nesse sentido diversas igrejas foram construídas em madeira na antiga colônia Porto Novo.

A igreja desempenha um caráter de relevância simbólica por representar, de maneira geral, o elemento comunitário de referência para grande parte dos núcleos coloniais, geralmente localizada em um espaço de destaque com um acentuado e pela sua

volumetria singular, o que a diferencia das demais edificações. Por isso a arquitetura das igrejas simboliza o ponto focal da paisagem no contexto dos núcleos comunitários. Consideramos a noção de ponto focal de Cullen (1971), como sendo símbolo vertical de convergência, uma referência visual e localização na paisagem.

Apresentamos um panorama das edificações que foram mapeadas e consideradas para esse estudo, sendo que muitas igrejas em madeira foram demolidas ao longo do tempo, principalmente para dar lugar às igrejas de alvenaria. Consideramos nesse panorama as igrejas que possuem referencial de arquitetura enxaimel. Os exemplares elencadas não possuem a estrutura enxaimel aparente, sendo ocultada pelo fechamento com tábuas.

Quadro 1: Panorama de igrejas enxaimel da Colonização Porto Novo (Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis)

Igreja	Localização	Construção	Situação atual
 <p data-bbox="225 1310 632 1400">Igreja Matriz São João do Oeste</p>	São João do Oeste	1945-1948	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura e no campanário
 <p data-bbox="225 1742 443 1780">Igreja São Rafael</p>	Linha Popi, Itapiranga	1950-1952	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura.

	Linha Macuco, São João do Oeste	1948	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura e no campanário.
	Linha Santa Cruz, Itapiranga	1946-1948	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos do enxaimel na estrutura e no campanário.

Igreja São Rafael, Linha Ipê-Popi, Itapiranga-SC.

A comunidade de Linha Ipê-Popi é uma das mais antigas da colonização Porto Novo, sendo que inicialmente havia na localidade uma pequena igreja-escola. Com o aumento do número de famílias e de habitantes, houve a necessidade de construção de um novo templo. Assim, no início da década de 1950, a comunidade decidiu construir uma nova igreja, toda em madeira, em virtude da abundância desse recurso natural.

O mestre carpinteiro da obra foi Reinoldo Goetz. A comunidade se engajou na sua construção, tanto na doação e coleta de madeira, na construção através de mão de obra voluntária. Para a estrutura foram utilizadas as madeiras da Cabreúva (*Myrocarpus frondosus*), a Canafístula (*Peltophorum dubium*) e o Pinus (*Pinus elliottii*) para o fechamento das paredes.

O enxaimel é o elemento marcante dessa edificação, compondo a estrutura. Mesmo não estando aparente, em virtude da vedação das paredes, o enxaimel se torna um elemento muito simbólico para o templo, sendo de considerável valor patrimonial pela sua dimensão arquitetônica.

A igreja foi inaugurada no ano de 1952, mesmo não estando finalizada a pintura. Possui um partido bastante expressivo na sua composição arquitetônica, localizada num terreno elevado onde se destaca na paisagem. Possui duas torres sineiras, formadas por três seções de níveis, encimados por um telhado no formato capacete-renano.

O partido arquitetônico forma um conjunto de notável valor, formado por traços da arquitetura românica em harmonia com a estrutura em madeira. A relação entre elementos portantes, cobertura, aberturas e decoros, complementados pela harmonia compositiva do interior do templo apresentam um programa monumental expressivo.

Na fachada frontal há uma portada formada por três arcos de meio ponto que dão acesso a uma porta de acesso ao interior, que forma uma galilé⁶ de acesso ao templo. Na seção superior da fachada há um frontão onde se encontra um óculos, este em formato circular e que tem a finalidade plástica bem como de proporcionar luminosidade interior. Há um conjunto de janelas que formam uma composição harmoniosa e rítmica da perspectiva frontal. Há uma escadaria que se adequa ao terreno dando acesso ao adro que compõe o centro comunitário formado pela escola, pelo salão de festas e pelo cemitério. Na portada frontal há um trabalho ornamental formado por volutas em madeira, um detalhamento que dá destaque ao trabalho da carpintaria, ofício de significativo valor patrimonial. A planta é longitudinal, formando uma seção de uma nave central e duas naves laterais, possibilitando um espaço interno mais amplo.

⁶ Galeria formada no frontispício das igrejas, composta por colunas e que dá acesso a porta de entrada.



Pormenores da fachada frontal



Representação frontal e lateral



Igreja Matriz Paróquia São João Berchmans, São João do Oeste-SC

A colonização da vila São João iniciou no ano de 1932, sendo demarcado pela colonizadora Volksverein como um futuro centro urbano. A primeira igreja da comunidade foi construída em madeira em 1934, quando ali residiam 12 famílias. Com o passar dos anos a comunidade cresceu e com o aumento do número de habitantes, a pequena igreja já não comportava mais as demandas comunitárias.

Sendo concebida como vila, a população local logo aspirou ser uma referência urbana para a região. Assim, iniciou-se a discussão para a criação de uma paróquia na localidade. Com a passagem do Bispo Dom Carlos Saboia de Melo pela localidade no ano de 1940, as lideranças requisitaram a criação de uma paróquia. Para tal, uma das exigências era de que a comunidade tivesse uma igreja com maiores proporções, que atendesse a tal demanda. Assim, iniciou-se a discussão para a construção de uma nova igreja, sendo que alguma parcela da comunidade desejava que ela fosse em alvenaria enquanto que outra em madeira. A opção pela igreja em madeira se deu pela possibilidade e construção com menor custo bem como pela disponibilidade de matéria prima abundante na região. A obra iniciou em 1945 e foi concluída em 1948. Logo em seguida, no ano de 1950 a localidade foi elevada à categoria de Paróquia São João Berchmans.

A igreja foi construída com a técnica enxaimel, que mesmo não estando aparente, expressa o valor patrimonial do templo. A coordenação da obra ficou por conta dos carpinteiros Franz Deiss e Hans Merkel, que contaram com a ajuda da comunidade no trabalho voluntário e gratuito. Para a obra foram utilizadas principalmente madeiras de grápia, cabriúva e loro. Originalmente o telhado era coberto com a telha de madeira (*Schindeln*), muito comum nos primeiros anos de colonização. Atualmente a cobertura é de telhas de cerâmica. Os bancos foram fabricados pela carpintaria de Edgar Hammes e as aberturas pela marcenaria de Alberto Junges. A primeira pintura externa era feita de cal virgem. Na fachada frontal encontramos uma portada encimada por alpendres com detalhamento ornamental que aparenta ter sido talhado a mão. Percebemos também os contraventamentos na parte superior, elementos estruturantes típicos do enxaimel.

O acesso ao templo se dá por três portas frontais e duas laterais, encimadas por alpendres em madeira. Logo na entrada pode ser percebido um coro, que pode ser acessado por duas escadas em caracol, onde antigamente se apresentava o coral. Atualmente o coral Santa Cecília, se apresenta num coro anexo ao altar.

Inicialmente os sinos estavam dispostos na torre sineira da edificação. Em 1954 a comunidade foi contemplada por um conjunto de sinos provindos da Alemanha, sendo que os dois maiores ficaram na sede enquanto que os outros menores foram distribuídos para comunidades do interior. Devido ao peso dos novos sinos, houve a necessidade da construção de um novo campanário em anexo, erigido todo em madeira com a estrutura enxaimel. O campanário faz parte do conjunto do adro, que se conecta com a praça central da cidade. A única torre da igreja (*Turm*) é encimada por telhado em formato Capacete Renano (*Rheinisch Helm* ou *Rhombendach*). Sua planta retangular possui as consideráveis medidas de 38mx14m, totalizando 532m². Nessa composição se formam uma nave central, duas naves laterais, um altar com presbitério todo em madeira e sacristia.



Detalhamento do campanário, com estrutura enxaimel



Representação lateral e frontal



Igreja da Exaltação, Linha Santa Cruz, Itapiranga-SC

A comunidade de Linha Santa Cruz foi colonizada a partir de 1932, quando se instalaram na localidade as primeiras famílias provindas da Alemanha e das antigas colônias do Rio Grande do Sul. Oficialmente a comunidade foi fundada no ano de 1944, sendo que a construção da escola-capela (*Schulkapelle*) iniciou no ano de 1946 e finalizada em 1948. A opção pelo nome de Santa Cruz remonta à origem de algumas famílias alemãs que colonizaram a localidade, provindas do vilarejo de Marktofigen na Alemanha, onde até hoje ainda se encontra uma capela com a denominação de *Heilige Kreuz Kapelle* (Capela de Santa Cruz).

O carpinteiro Ludwig Holzmeier, morador da comunidade, auxiliou na construção da capela, principalmente na estruturação do altar. O acabamento do foro foi feito pelo carpinteiro Hans Merkel. A mão de obra para a construção foi fornecida de forma voluntária pelas famílias da comunidade e a opção pela construção em madeira se deu pela disponibilidade de matéria prima, bem como pela opção pela arquitetura enxaimel.

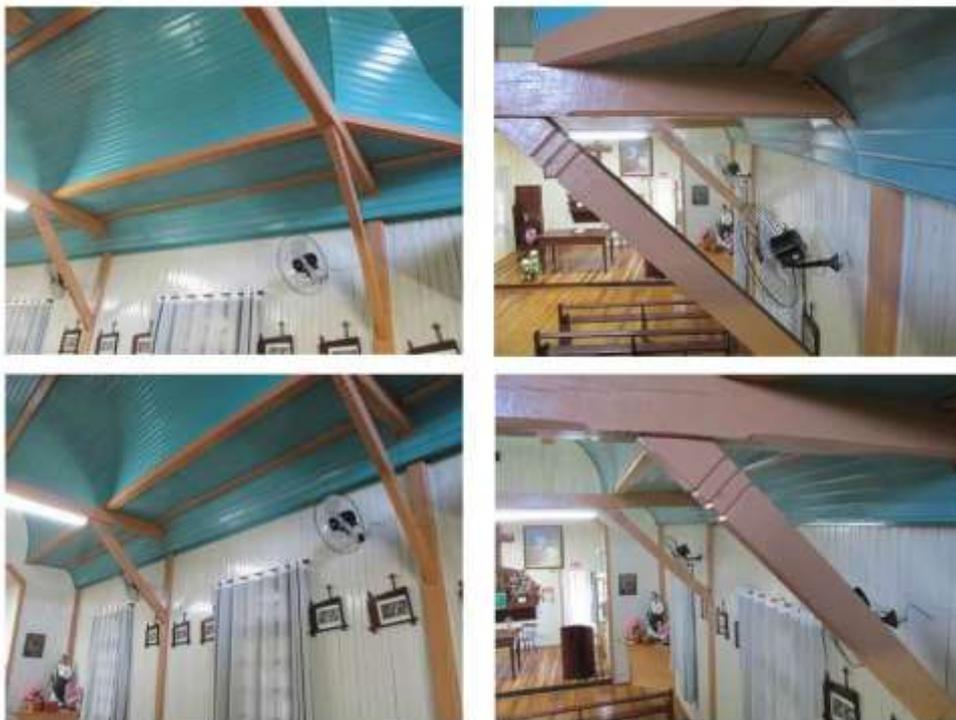
A estrutura não está aparente por causa da vedação das paredes com tábuas, mas internamente está aparente a viga mestra, apoiada por escoras, que conectam as duas laterais permitindo um vão interno. Pelo seu simbolismo arquitetônico e pela beleza do acabamento do trabalho na madeira, a igreja é um símbolo arquitetônico de notável valor patrimonial.

Originalmente a cobertura foi feita com telhas de madeira (*Schindeln*), mas atualmente a cobertura é de aluzinco. O telhado é formado por uma leve flexão no beiral, formação que proporciona um aspecto com maior requinte à edificação. À frente do edifício encontra-se um alpendre com o mesmo aspecto de telhado, que dá acesso a única porta frontal, atualmente em vidro, mas que originalmente era madeira.

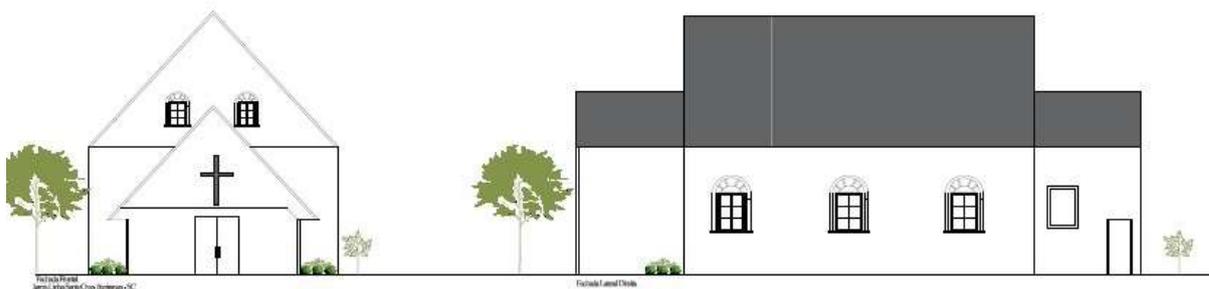
O campanário também foi construído em enxaimel, composto por dois esteios maciços tendo ao centro duas vergas e escoras no formato de X. A cobertura é formada por um pequeno telhado de base retangular com a cumeira no formato triangular. O sino ainda é acionado manualmente com uma corda. O conjunto do adro formado pelo campanário, cemitério e jardim proporciona um conjunto paisagístico que se funde com o núcleo comunitário, aspecto que precisa ser compreendido pelo seu valor patrimonial material, mas também pelo seu simbolismo imaterial, pois é o espaço de vivência comunitária, onde as famílias celebram a religiosidade e também as festividades no clube e na praça esportiva.



Detalhes do vigamento enxaimel



Representação frontal e lateral



Igreja Santo Inácio de Loyola, Linha Macuco, São João do Oeste, SC

A colonização da comunidade de Linha Macuco iniciou no ano de 1926. A primeira missa da comunidade foi celebrada no ano de 1929 pelo Padre Henrique Ofenhitzer S.J., com a participação das famílias pioneiras. Somente no ano de 1931 foi fundada oficialmente a comunidade católica tendo como padroeiro Santo Inácio de Loyola.

A comunidade construiu uma pequena capela-escola (*Schulkapelle*) para atender as necessidades religiosas e escolares das famílias. No ano de 1946 foi finalizada a construção de uma nova igreja, com estrutura enxaimel e vedação das paredes com tijolos de alvenaria. Mas um fato inusitado e até mesmo trágico marcou a história daquela capela. Na ocorrência da primeira missa do Padre Antônio Biensfeld, com a igreja lotada de fiéis, enquanto o que o celebrante procedia ao sermão a estrutura começou a ceder e as paredes começaram a cair. Assim, a comunidade decidiu construir um novo templo com uma estrutura mais reforçada. Esta foi finalizada em 1948, construída em enxaimel e com a vedação das paredes com tábuas. Essa capela ainda está edificada na comunidade até a atualidade.

A arquitetura enxaimel é um marco simbólico da igreja, localizada no centro comunitário junto ao cemitério e o campo do futebol. No passado faziam parte desse núcleo comunitário um clube social, uma escola e uma casa comercial. O núcleo comunitário, *das Gemeindplatz*, é um centro de referência para a vida comunitária, um conjunto espacial que remete à expressão da vida em comunidade.

O conjunto arquitetônico da capela é formado por uma edificação em madeira, composta por uma nave única, um altar mor e uma sacristia. A fundação é formada por blocos de pedra maciços. No adro encontra-se um campanário portando um sino e um pequeno altar dedicado à adoração a Maria. O enxaimel não está aparente na edificação, pois está oculto pelas paredes feitas de tábuas. A cobertura é formada por duas águas que

possuem uma leve flexão nos beirais. Antigamente o telhado era coberto por telhas de madeira e atualmente a cobertura é de aluzinco.

A estrutura enxaimel pode ser visualizada nos contraventamentos dispostos na parte superior da fachada frontal e também no campanário.

Pormenores da estrutura enxaimel na fachada frontal (contraventamentos) e no campanário

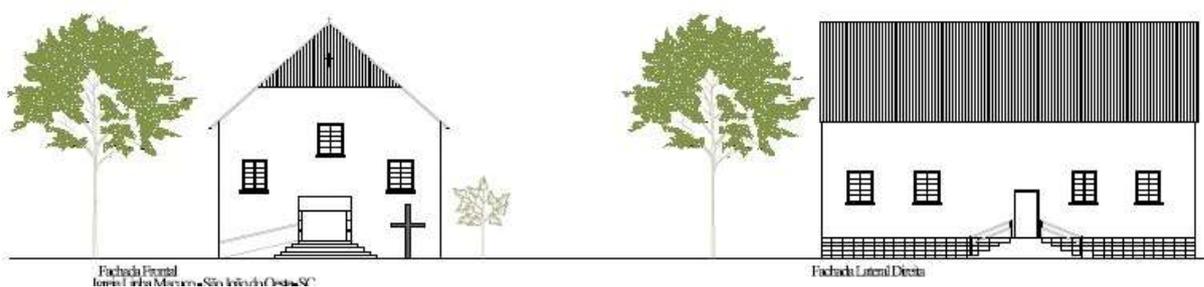


Ao analisar a edificação, percebe-se um leve desalinhamento assimétrico no conjunto arquitetônico, que pode ser percebido nas paredes laterais em virtude, provavelmente da ação do tempo pelo fato da estrutura ter cedido ao longo dos anos, no ritmo das aberturas laterais, onde se percebe um desalinhamento entre a porta de entrada e as janelas, bem como nas escadarias de acesso laterais. Esse desalinhamento e desproporcionalidade refletem as condições de trabalho da carpintaria, numa época em que existiam poucos recursos disponíveis, principalmente equipamentos, além da mão de obra ter sido muitas vezes feita por pessoas da própria comunidade, que em tese, não dominavam o ofício da carpintaria e as técnicas de edificação. Dessa forma, a aparente irregularidade acaba se tornando a identidade e a essência da própria edificação.

Perspectivas da fachada frontal e lateral



Representação frontal e lateral



Conclusão

A história da colonização de Porto Novo reflete um padrão cultural que torna sua identidade germânica muito representativa. Nesse sentido, o processo de formação da colônia constituiu um processo sociocultural que formou uma gênese étnica que se manifesta atualmente nas tradições, nos valores e nos símbolos culturais.

Dentre esses símbolos, destacamos aqui as igrejas enxaimel que foram construídas ao longo do processo de desenvolvimento da colônia, muitas delas já não mais presentes na paisagem e outras ainda vivas no contexto atual como símbolo de uma identidade histórica da arquitetura em madeira. Assim, destacamos aqui a relevância dessas igrejas para a

dimensão patrimonial e como tal, merecem uma valorização pela sua dimensão simbólica e pela relevância paisagística que desempenham no contexto local.

Dessa forma o estudo buscou discutir a importância da arquitetura enxaimel como símbolo de identidade germânica que se vincula à história e à cultura, tanto na sua dimensão material como manifesto arquitetônico, bem como, um saber edificar a partir da técnica construtiva enxaimel, constituindo um valor de conhecimento vernacular.

Referências

BADALOTTI, Claudine M. *Arquitetura, etnicidade e patrimônio: as construções da imigração italiana na Rota dos Caminhos de Pedra no Rio Grande do Sul*. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Edições 70: Lisboa, 1971.

JUNGBLUT, Roque. *Documentário Histórico de Porto Novo*. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.

MAYER, Leandro. SCHNEIDER, Maikel Gustavo (Orgs). *Porto Novo: povoação de católicos alemães na mata virgem no sul do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2020.

NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)*. 634p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, 2009.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tradução Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969

ROHDE, Maria W. *Espírito Pioneiro: a herança dos antepassados*. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2011.

RUSCHEINSKY, Elena W. *“Uma vez” falando em alemão: o uso da variante no português falado em Itapiranga e São João do Oeste-SC*. 118 f. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, Chapecó, 2014.

SCHNEIDER, Maikel Gustavo. *Talvez eu nunca mais veja minha terra natal: a trajetória de imigrantes alemães na colonização de Porto Novo/SC (1932-1942)*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2019.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento*. Porto Alegre: Movimento, 1999.

WEIMER, Günter. *A arquitetura popular da imigração alemã*. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

WITTMANN, Angelina. *Fachwerk: a técnica construtiva enxaimel*. Blumenau: AmoLer Editora, 2019.

WERLE, André Carlos. *Porto Novo: o reino jesuítico germânico no oeste de Santa Catarina*. Curitiba: CRV, 2011.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1994.